

Com quatro décadas de carreira, Claudia Ohana, de 63 anos, transforma experiência em liberdade criativa e defende que envelhecer não significa perder espaço, mas ganhar possibilidades

POR PATRICK SELVATTI

Aos 63 anos, Claudia Ohana segue em atividade com a mesma disposição com a qual iniciou, aos 20. Com mais de quatro décadas de carreira, a atriz atravessa uma fase em que a experiência não significa acomodação, mas justamente o contrário: mais liberdade para experimentar, errar, mudar de registro e escolher os caminhos que ainda despertam curiosidade. Depois de concluir as gravações do longa *A grande virada*, comédia dirigida por Halder Gomes, ela acaba de estreiar em São Paulo o musical *Festa no Arraial*. Entre cinema, televisão e teatro, a artista parece interessada menos em celebrar o que já fez do que em descobrir o que ainda pode fazer.

O palco do musical devolve à atriz uma combinação que a acompanha desde o início da trajetória e que marcou sua performance na personagem mais icônica da televisão: interpretação, canto e dança. Assim como ocorreu há 30 anos, quando deu vida à vampira Natasha, de *Vamp* (1991), a intensidade física do trabalho, longe de ser um obstáculo, funciona como combustível.

"Sempre fui movida pelo desafio", afirma Claudia, que, recentemente, participou do *The masked singer* revivendo outra personagem histórica: Tieta do Agreste. Para ela, estar diante da plateia é uma experiência que reúne diferentes formas de expressão e exige preparo, disciplina e entrega: "Estar em cena, com energia, contando uma boa história, é o que me faz feliz".

Em *Festa no Arraial*, que une o clima das festas juninas com a comédia clássica *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare, a atriz encontra, ainda, a possibilidade de brincar com um território que conhece bem: a vilania, ponto alto da memorável Isabela Ferreto de *A próxima vítima* (1995). Agora, porém, por uma chave diferente. Tânia Flores é uma antagonista divertida, construída a partir do exagero e do humor. "Está sendo uma delícia", conta, observando que a comédia tem regras próprias: depende da escuta, do tempo, da parceria entre os intérpretes e, sobretudo, da resposta de quem está na plateia. "Isso faz com que cada apresentação seja diferente da outra. É um aprendizado constante e uma troca muito viva com o público", explica.

A disposição para se colocar novamente em situação de descoberta ajuda a explicar uma carreira marcada pela variedade. Ao longo de quatro décadas, Claudia passou por personagens que permanecem no imaginário da televisão brasileira, como a Tieta jovem (papel immortalizado por Betty Faria na novela homônima de 1989), a excêntrica Natasha, e a perversa Isabela. Mulheres muito diferentes entre si, mas que compartilham uma característica fundamental.

